

Entre o Fascínio e o Medo: Questões Sobre Imprensa e as Ideias de Futuro no Contemporâneo.¹

Alice MELO²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

A partir da análise de algumas edições do Jornal do Espaço e do Jornal do Futuro, seções publicadas no Caderno B do Jornal do Brasil, entre 1965 e 1972, o artigo reflete sobre a transformação da articulação da ideia de futuro na imprensa brasileira, na segunda metade do século XX. Partimos do princípio que a alteração na percepção da passagem do tempo, catalisada pelos desastres ambientais nos anos 1980, contribuiu para ruir a ideia do futuro como sinônimo de progresso; reordenando assim configurações de presente e passado na sociedade da época. Em um momento, o futuro é sonhado à luz da heroica corrida espacial; em outro, parece se mostrar como metáfora do fim do mundo. A imprensa reflete essa tensão entre o fascínio e o medo do que virá no amanhã.

Palavras-chave: tempo; história; jornalismo; futuro; passado.

Introdução

“Ocidentais e asiáticos brigam por Marte”, dizia a manchete do Jornal do Próximo Centenário, uma seção de duas páginas que começou a circular com o Jornal do Brasil, dois dias após seu aniversário de cem anos, comemorado em 9 de abril de 1991 . Esta e outras edições publicadas no JB nas duas semanas seguintes prometiam um mergulho em um futuro fantástico, prevendo alguns desafios (e configurações) da sociedade carioca no segundo milênio. Artigos e matérias escritos por jornalistas da casa e convidados exploravam possíveis novidades da ciência, política e cidadania no século XXI, dando espaço à ficção científica e ao cinema. A ideia, no entanto, foi encerrada antes da terceira semana: não vingou.

Houve um tempo em que este tipo de matéria (e de publicação) fez mais sucesso. Entre 1968 e 1972, por exemplo, o JB publicou quinzenalmente no Caderno B, às

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação e Cultura na ECO-UFRJ, email: meloalice1@gmail.com.

quintas-feiras, o *Jornal do Futuro*. Editado pelo Departamento de Pesquisa do *Jornal do Brasil* (DPD). A publicação teve 224 edições abordou assuntos ligados ao “futuro dos transportes, da medicina, das conquistas espaciais. O futuro do homem”. O *Jornal do Futuro* nasceu do o *Jornal do Espaço*, uma seção quinzenal também editada pelo DPD, sob coordenação do jornalista Roberto Pereira, que em tese saía a cada dois domingos (apesar dessa periodicidade não ser muito respeitada). Ao todo, foram publicados 101 números do JE, entre 1965 e 1968, contendo artigos e curiosidades sobre “a conquista do cosmos” e suas implicações com a vida futura na Terra.

Em 7 de junho de 1965, o primeiro número do *Jornal do Espaço* coincidia “com o lançamento do Gemini-4, de onde o cosmonauta Edward White projetou-se para sua grandiosa aventura”: dar 62 voltas em torno do planeta e flutuar no espaço por 20 minutos, auxiliado por um foguete. A intenção da publicação era que o leitor acompanhasse “com fácil entendimento, todas as evoluções da ciência rumo à descoberta do Universo”. Fácil entendimento porque a iniciativa integrava o projeto *A escola da notícia*, idealizado pelo Departamento Educacional, que visava a publicação de seções no jornal com fim educativo, destinada a professores e também alunos. *A escola da notícia* começou a aparecer no Caderno B em maio de 1965, reunindo textos que falavam sobre o mercado profissional, testes e enquetes sobre assuntos relacionados à atualidade. Dentro deste projeto, surgiu o *Jornal do Espaço*, que ficou a cargo da Pesquisa. Na primeira edição, especulava-se sobre a corrida espacial: *Quem vai fincar a primeira bandeira na Lua?*, um artigo que elencava prós e contras da missão astronáutica soviética e norte-americana, exaltando o programa Apolo, que, na análise do autor, tinha mais chances de “chegar lá”. Logo abaixo, um outro texto organizava em tópicos todas as conquistas “importantes” do homem no espaço até o momento em que fora lançado o Gemini-4.

Ao ser transformado em *Jornal do Futuro*, a seção passa a englobar outros assuntos que também despertavam a curiosidade da sociedade naquela época: descobertas da medicina, avanço dos meios de transporte, planejamento urbano e respeito ao meio ambiente. Conforme a Lua se aproximava da realidade do homem, o espaço pode ter se tornado não mais o único sinônimo de futuro, apesar de ainda se mostrar essencial na construção das projeções mirabolantes do por vir.

No primeiro ano do *Jornal do Futuro*, quando foram publicados 38 números, por exemplo, as matérias eram bem variadas, como: *Paris, no ano 2000* (11/4), sobre as inovações tecnológicas projetadas para Paris no século XXI e que contrastariam com a

arquitetura medieval e bucólica da cidade; *O homem e o computador ou algo de novo está acontecendo* (3/5), que questionava a contribuição revolucionária do advento dos computadores na indústria, inteligência humana, estilo de vida e de trabalho. *O homem por encomenda* (17/5), que falava sobre a criação de vida em laboratório como realidade advinda de obras de ficção científica; *De olho (eletrônico) no crime* (14/6), que trazia perspectivas sobre o aumento da violência e da intolerância racial até os anos 2000, que modificariam a força policial do futuro; *As agradáveis extensões* (2/8), sobre a importância e perspectivas de crescimento do design industrial no século XX; *A vida prolongada: das Escrituras ao ano 2000*, que especulava sobre o aumento da perspectiva de vida até 2020 para 130 anos; *A caminho da Lua* (18/10), sobre as etapas seguintes da corrida espacial após o retorno da Apollo-7 aos Estados Unidos; *Os mares da Lua e seus mistérios*, matéria sobre a superfície lunar, os possíveis perigos e benefícios que dará ao homem em sua caminhada por ela.

Parece haver uma ânsia em compreender um mundo que se transforma de forma rápida. Ainda que seja inviável aqui tecer certezas sobre o imaginário de futuro na década de 1960, o que é importante é saber que o horizonte de expectativas ainda ocupava muito o pensamento da sociedade ocidental. E uma das formas de dar sentido a este futuro que se aproxima é por meio do enxerto de sentido histórico no presente.

Em 1970, a página ocupada pelo JB no Caderno B começa a ser dividida com outras notícias que não tratavam de imaginação do Futuro: sinal de que a seção enfraquecia? Talvez por “falta de criatividade”, mas também porque a Pesquisa já não funcionava mais como antes. Quando o JF circulou em sua última edição, em 1972, a estratégia de coordenação do DPD assumida por Quintaes em uma conjuntura de contenção de despesas já dava prioridade por contratar funcionários para trabalhar na Documentação e Biblioteca. O Texto enfraquecia, os redatores começavam a migrar para outras editorias (assim como outras editorias também se empenhavam em fazer um jornalismo mais denso, utilizando os recursos da própria Pesquisa e talvez não necessitando mais “terceirizar” determinadas pautas).

Pouco entusiasmado com o JF, o então editor da Pesquisa, Roberto Quintaes, em entrevista à autora desde artigo em 2014, comenta que esta seção “foi criada para tratar de tecnologia e ciência, sempre pensando no futuro”, mas que “nunca foi amado no dia a dia do JB, aos poucos, deixou de existir”. Para o jornalista, “vivia-se o auge das aventuras

espaciais, um tema constante no JF” e acrescenta que toda a equipe se envolvia na publicação quinzenal.

Portanto, por quase uma década, um dos periódicos mais importantes do país reservou espaço para especular sobre o futuro do homem, de forma sistemática. O que significava esse tipo de prática no interior do jornalismo? O que mudou em pouco mais de vinte anos que fez como que esse tipo de abordagem perdesse tal sentido?

Desde a minha dissertação de mestrado³, venho tentando compreender melhor articulações de passado e futuro pelo tempo presente do jornalismo moderno, utilizando como objeto de análise o Jornal do Brasil, nos anos 1960 e 1970. Minha pesquisa de doutorado parte de novos questionamentos para pensar imprensa, tempo, memória e escrita da história até o novo milênio: o Jornal do Futuro serve como ponto de partida para refletir sobre o quadro.

Este artigo, portanto, lança algumas questões teóricas com que me deparei no início da nova pesquisa (ainda em desenvolvimento). Não cabe apresentar resultados ou respostas a partir da análise do material com que venho trabalhando, mas levantar algumas hipóteses.

Jornalismo e a apreensão do tempo

Sabemos que jornalismo é uma ação realizada no presente que atua como um marcador temporal do contemporâneo: demarca os dias, diz o que é passado e mostra o que se espera do futuro (Barbosa, 2013). Com a expansão do que se chama de indústria do espetáculo e ascensão das tecnologias de comunicação não apenas como referenciadoras do real, mas como uma configuração própria do real (Sodré, 2006), é urgente pensar os meios de comunicação como autoridade reconhecida para dizer o que é história (apesar de não ser a única instância social a fazê-lo). Ao analisar a historiografia no tempo da mundialização da informação, o historiador francês Pierre Nora (1970) sugeriu que seria por meio da mídia que o acontecimento marcaria sua presença na sociedade: era difícil de acreditar que algum acontecimento importante para a sociedade escaparia do registro diário dos media.

Nesse contexto, Ana Paula Goulart Ribeiro (1995) sugeriu a imprensa como instituição que realiza a “historiografia do cotidiano”. Em seus estudos, a autora se dedica compreender a cultura contemporânea e, por conseguinte, a mídia, como instância

³ *Na ordem do tempo: a sistematização do passado no Jornal do Brasil*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ, em 2014 - a partir do qual apresentei artigos neste mesmo GT, em edições anteriores da Intercom.

profundamente mnemônica (e, em igual proporção, amnésica). A mídia jornalística usa a ideia de passado em seu processo de legitimação social: ela se apresenta como porta-voz da verdade, que “não só retrata a realidade e suas transformações, mas também registra, legando às sociedades futuras um testemunho sem igual” (Ribeiro, 2010, p.35). E, segundo a autora, o mito da objetividade seria “um dos grandes responsáveis pela acolhida que o jornalismo tem. Ainda hoje, o seu discurso se reveste de uma aura de fidelidade aos fatos, que nos leva a acreditar que o que ‘deu no jornal’ é a verdade” (1995: p.27).

A ideia de passado é usada muitas vezes como um valor flexível pelo jornalismo, que frequentemente é trazido à tona para criar identidades, explicar o presente e antecipar o futuro. O jornalismo pode dizer o que é passado e indicar também como “devemos sonhar o futuro”: é ator da história, porta-voz de certos ideais da tradição e progresso (Matheus, 2011).

Em minha dissertação de mestrado, analisamos os usos do passado no Jornal do Brasil, entre 1962 e 1974, quando o JB consolidava as reformas gráficas e de conteúdo iniciadas na imprensa brasileira nos anos 1950. Neste contexto, foi criado o Departamento de Pesquisa e Documentação, um arquivo pioneiro no trabalho de catalogação de informação de imprensa, que, a partir de 1964, passou a ser também editoria de produção de texto jornalístico. A Pesquisa era constituída de uma equipe de arquivistas e redatores, que cuidavam dos produtos de “longo prazo” do jornal. Escreviam os textos mais variados: do esporte à política internacional. O material se baseava em informação de arquivo para contextualizar a notícia diária. Explicava o presente e especulava sobre o futuro. O trabalho da Pesquisa (analisado sob múltiplos olhares na dissertação) se revelou muito importante para a ideia de jornalismo que se tentava construir na época; e se caracterizou por uma instrumentalização de uma ideia de passado que servia para reforçar a atualidade da notícia diária, contribuir para a marcação do próprio jornal como fonte de memória e, com isso, aumentar a credibilidade de sua marca na cena social.

Percebemos que quanto maior era a dimensão do acontecimento que o jornal cobriria em determinada ocasião, maior a quantidade de “passado” era utilizada para explicá-lo. Sugerimos na dissertação que este uso intencional do passado para explicar o presente (da mesma forma que tentava marcar uma distância a ele), e servir de referência na construção dos acontecimentos, era produto e expressão de uma época. Portanto, a ideia de passado poderia ser usada para pensar de que forma a prática jornalística em um contexto histórico,

político e social específico engrenava outras dimensões do tempo no presente social. Um modelo que posteriormente foi incorporado a outros veículos da imprensa brasileira.

Em diálogo com isso, a publicação do *Jornal do Futuro* durante mais de uma década – na comparação com outras articulações de futuro (ou o que se espera dele) – nos serve para pensar outras relações entre imprensa, memória e escrita da história. Chama atenção nesta análise uma possível reconfiguração da ideia de futuro na sociedade ao longo da segunda metade do século XX: em vinte anos, a sociedade teria parado de sonhar com as conquistas do horizonte e o progresso da civilização (como veremos), e teria começado a temê-lo. A alteração da sensação da passagem do tempo nos últimos cinquenta anos é perceptível quando analisamos a maneira como a mídia de massa apreende o tempo pretérito e futuro – já que é instituição que resguarda valores conservadores da sociedade e é capaz de ditar o rumo político e econômico do Estado. Principalmente no cenário de concentração midiática brasileiro.

Podemos citar alguns de autores que se dedicam ao estudo das reconfigurações do sentido de tempo na passagem da modernidade para a contemporaneidade (Koselleck, 2010; Huyssen, 2000; Hartog, 2013; Dosse, 2013; Gumbrecht, 2013. Taylor, 1989; Deleuze, 2013); em articulação com as novas tecnologias de comunicação e o espaço conquistado pela indústria do espetáculo. No contexto brasileiro, essa indústria reserva papel de destaque ao jornalismo como produtor de sensações (Sodré) e de marcações temporais (Barbosa, 2013; Ribeiro, 2010; Vaz, 2000).

Em minha dissertação, levamos em consideração a atividade jornalística e arquivística colocada em prática na redação, em um momento de “brecha” na ordem do tempo. Fizemos alusão ao conceito de Hannah Arendt, que caracteriza o pós-Guerra no Ocidente como um tempo encaixado “entre o passado e o futuro”. Seria o momento em que se percebe que vivemos num entremeio do tempo histórico, e que as ações humanas no presente são regidas “por coisas que não são mais e coisas que não são ainda” (2011).

O *Jornal do Brasil* neste momento de “brecha” de ordem do tempo, vivia entre o fascínio e o medo do futuro. A formação pioneira da editoria de Pesquisa nos disse muito a respeito de como essas sensações se configuravam na sociedade na época.

Partimos da ideia de passado criava redes de significado (e segurança) em um momento de crise na ordem do tempo moderna. Este uso se explica por um presente cada vez mais efêmero, dentro de uma nova percepção de jornalismo, tempo e história.

A partir deste quadro, venho realizando uma análise das articulações de passado e futuro no Jornal do Brasil nas últimas quatro décadas do século XX: de 1962, ano que marcou o início da Pesquisa, consolidação das reformas gráficas e editoriais do periódico iniciadas na imprensa brasileira na década anterior; e 1991, quando o JB completou um século de existência, comemorado com um “desfile de memória”, símbolo das novas articulações de passado, presente e futuro – momento em que fracassa, por exemplo, o Jornal do Próximo Centenário⁴.

É de nosso interesse prosseguir com o estudo aprofundado a respeito do Departamento de Pesquisa e Documentação do Jornal do Brasil, já que funcionou como editoria que centralizava a produção de conteúdo de arquivo – ou, como preferimos dizer, aquilo que a linha editorial do jornal indicava como passado. Uma questão fundamental é perceber como essa reconfiguração da Pesquisa do JB ao longo das décadas assinalou transformações importantes na prática jornalística – e que reconfiguraram o modo de fazer e pensar também a notícia. Vemos, a partir dos anos 1980 nas nossas redações, a convergência de funções em uma única figura: o repórter. Ao mesmo tempo, desaparecem figuras que eram centrais nas redações até então: o pauteiro, o copidesque e, também, o pesquisador. Com ajuda da tecnologia, o jornalista precisa dar conta de todas as funções.

A partir dos anos 1980, parece haver uma guinada do imaginário social acerca do futuro: de objeto de fascínio a símbolo do medo e metáfora do fim, como vem diagnosticando algumas vertentes dentro da Sociologia, História e a Filosofia contemporânea de que falamos.

Dessa forma, como se dariam os usos do tempo pretérito e futuro no Jornal do Brasil e na imprensa brasileira (principalmente no Sudeste) nessa época? É possível detectar algum tipo pensamento sistemático a respeito da marcação do tempo?

Porque parece fundamental se pensar configurações de passado e futuro no presente jornalístico. Jornais, revistas e programas jornalísticos de TV exploram a exaustão acontecimentos “monstruosos”, esgotando cada faceta, criando as mais mirabolantes relações entre eventos, personagens e lugares, tornando-os muitas vezes sensacionais. O ímpeto por testemunhar grandes eventos e poder reproduzi-los em larga escala (tendência potencializada pela internet e as recentes redes sociais), imediatiza a história.

⁴ Novamente, ver: Leticia Matheus (2011).

Como já nos mostrou Koselleck (2010), cada presente ressignifica tanto o passado como o futuro. Mais ainda: cada presente concebe também de uma nova maneira a relação entre futuro e passado, que se expandem ou encolhem, em uma relação assimétrica. A modernidade se caracterizou pela prevalência da expectativa de futuro (sinônimo de progresso) sobre as ações dos homens na terra. E essa fixação desmedida pelo avanço da tecnologia e do desenvolvimento do homem levou à Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, o tempo que se encaixou entre a guerra e aquilo que assumiria contornos líquidos, no pós-1989, foi marcado pela sobreposição da reminiscência da lógica do progresso - força das instituições tradicionais - e seu total colapso, que se mostraria como prevalência do sentido de presente. É o presentismo, como chama Hartog, ou até mesmo tempo de produção de presença, como prefere conceituar Gumbrecht (2010).

Vivemos, como observou Paulo Vaz (2000), em um tempo marcado pelo excesso (principalmente de informação), onde as novas tecnologias são capazes de configurar presente e futuro. Tornou-se um fenômeno comum a explosão de referências ao passado como uma forma de conforto à velocidade dos dias (como mostrou o estudo de Andreas Huyssen, *Seduzidos pela memória* (2000) – nunca foi tão comum consumir itens de uma indústria da moda que se diz retrô). Sabemos que o futuro nos reserva mudanças, mas não conseguimos imaginar (a partir da experiência do passado) no que iremos nos tornar. É uma relação ambígua com aquilo que fomos e o que seremos, que gera uma sensação de incerteza e angústia com relação à passagem do tempo. No horizonte, há a morte e, no passado, a nostalgia. Na sociedade do espetáculo, o medo é instrumento com que o Estado barganha segurança e consegue manter sua governabilidade. É estratégia sensível da indústria do espetáculo e da política cosmética, como nos mostrou Muniz Sodré. É, portanto, elemento central na forma de organização da sociedade contemporânea: à sombra da morte, constroem-se os sentidos da vida. E também os sentidos do tempo.

Destacamos os conceitos de aceleração da história e acontecimento monstro (Nora, 1991), que auxiliarão na compreensão de que os meios de comunicação de massa entraram na disputa de significação do passado, presente e futuro por meio da criação e manipulação dos acontecimentos. A mídia jornalística catalisa os efeitos sociais de um fato e também é capaz de promovê-lo ao status de grande fenômeno (Dosse, 2013). Ana Paula Goulart Ribeiro já observou (1995) que o jornalismo exerce papel central na constituição de memória social, ao se localizar como um mediador entre o acontecimento e a sociedade: a partir dos anos 1980, o fato jornalístico passou a se configurar (em grande medida) como

fato histórico, uma vez que registra o presente e guarda para o futuro aquilo que pode lhe servir como fonte de história.

Para pensar o imaginário de futuro entre, como já dissemos, o fantástico e o medo, consideraremos que, na pós-modernidade, a (expectativa de) vida é mais longa, a morte é adiada. Com isso, o espetáculo da morte, como já diria Norbert Elias (2001), não é mais corriqueiro: ficou fácil esquecê-la no curso da vida (bem como seus símbolos, entre eles a velhice). Foucault mostrou inúmeras vezes o esforço da sociedade disciplinar de encarcerar, segregar a morte, a loucura e a transgressão social – afastando de forma dura símbolos da fragilidade do corpo. A morte, na nossa sociedade de controle segue recalcada, mas adquire novas significações e sintomas sociais.

Vemos hoje uma devoção ao corpo perfeito, à alimentação saudável e à imortalidade, incentivada pelas regras da indústria do espetáculo, que se baseia na crença da tecnologia como verdadeiro redentor da finitude humana. A imortalidade, no contexto do technoconsumo, é quase passível de compra – pode ser representada tanto pela ideia dos corpos biônicos (as diferentes próteses potencializadas pela tecnologia) como pela fama (que é a eternidade cultivada na memória dos vivos, como observou bem Charles Taylor, 2013). O autor canadense, inclusive, avalia a fama (unida à medida do sucesso) como principal mal-estar em sua civilização – a angústia para ser bem-sucedido e, portanto, inesquecível, produz doenças sociais e psíquicas que materializam o descompasso com a época. Transtornos de ansiedade, pânico, déficit de atenção e depressão, se tornaram as doenças do excesso, como avalia Maria Rita Kehl (2013) - em contraposição à simbólica doença da falta, a histeria, estudada por Freud no início do século XX, que representa a fuga à vigilância e o controle que as instituições modernas incutiam sobre os indivíduos.

O capitalismo avançado prega a liberdade e a queda das fronteiras nacionais no que diz respeito ao consumo – detalhe que não se aplica, na maioria das vezes, ao trânsito de corpos. Principalmente se estes corpos são desprovidos do capital – as grandes diásporas modernas e pós-modernas, como analisou Hall (2003), driblam fronteiras físicas e se tornam um problema quase insolúvel, já que encarnam a contradição do culto à liberdade irrestrita. Bauman (2002) já dizia em uma linguagem bem simples que a nossa sociedade “trocou um punhado de segurança por um punhado de liberdade” e, dessa forma, cavou a própria cova – a liberdade nesta democracia cosmética é vendida como universal, mas na prática, não é para todos.

Uma vez que impera a obsessão por adiar a morte inevitável, o futuro, que representa o desconhecido, desaba sobre os ombros do presente. Já não se pode mais explica-lo pela experiência do passado (como era comum em sociedades pré-modernas, em que o tempo cíclico da natureza conduzia a ação dos homens no mundo e morte representava o renascimento); tampouco crer que o por vir é símbolo do sucesso, propiciado pela tecnologia (já que aprendemos da forma mais dolorosa que a tecnologia é capaz de destruir a humanidade).

Na sociedade onde reina a liberdade e o estímulo à satisfação dos desejos (em grande medida por meio do consumo), o sentido de tempo que prevalece é o presente. O conceito de presentismo de Hartog (2013) é importante à medida que entende o privilégio que a dimensão do presente ganha no contemporâneo, se alargando ou comprimindo, entre o passado e o futuro. É quando, o espetáculo reina: proporciona sensações, como discute Sodré, sejam elas medo, ódio, segurança, nostalgia, promessa de felicidade. Atualmente, o consumo da memória proporciona conforto   angústia da velocidade dos dias. Com relação à imprensa brasileira, vimos que o passado começou a ser usado de forma mais intensa no discurso jornalístico – baseado na novidade, objetividade e imparcialidade – a partir dos anos 1960.

Por isso, utilizamos em grande medida o conceito de “operação midiogr fica” levantada por Silva (2011), para explicar a produção de acontecimentos e conhecimentos históricos através dos meios de comunicação. Bem como a linha de relação entre tempo, história e comunicação, traçada por Matheus (2011) para perceber estas questões.

Ao nos debruçarmos sobre a ideia de que a m dia   instituição de memória com espaço privilegiado na sociedade (Ribeiro, 2010), precisaremos pensar a memória como fen meno que atua no presente, se constitui de esquecimento, e trata-se de uma construção psíquica, social e política (a partir de Freud, 1997a, 1997b; temos Halbwachs, 2011; Ricoeur, 2010; Pollack, 1994; Sarlo, 2012; Kehl, 2013). E,  m disso, quando incorporada às engrenagens do capitalismo avançado, torna-se objeto de consumo (Huyssen, 2000).

Seguindo esta linha de pensamento, não   à toa que nos últimos anos vimos a explosão de discursos de memória como legitimadores do lugar das empresas jornalísticas na sociedade. Ribeiro notou (2010) que os veículos de comunicação no Brasil fazem constante apelo   história tanto na notícia diária, quanto no que ela chama de “lugares de auto-referen a  o” (que seriam editoriais, material institucional, edições comemorativas, retrospectivas). Neste pensamento, percebe-se que muitas reportagens vem se debruçando

sobre o passado para desvendar informações nebulosas sobre fatos históricos e personagens outrora importantes.

Portanto, falar sobre a questão do jornalismo e os usos do passado é uma questão premente. O JB ocupou lugar privilegiado na esfera pública brasileira por mais de um século. Nos anos 1960, houve momentos em que foi o jornal de maior tiragem – além de ser lido e escrito por membros da vanguarda intelectual do Rio de Janeiro na época. E foi onde, justamente, criou-se um Departamento de Pesquisa pioneiro.

Quando nos esforçamos para pensar as apreensões da passagem do tempo, nos deparamos com o Jornal do Futuro – material rico, em cujas edições as transformações na cidade, ciência, vida na terra e no espaço, eram sonhadas de maneira lúdica, no Brasil dos anos 1960. Já percebemos em outro artigo⁵ que a chegada do homem à Lua, em 1969, esfriou os ânimos da corrida espacial – bem como o enfraquecimento político e econômico da União Soviética na década de 1980. O desastre nuclear de Chernobyl, em 1986, se tornou um marco nesta ruptura de sensações, sonhos e desejos do contemporâneo. Como mostrou de forma sensível a escritora bielorrussa Svetlana Aleksievitch (2016): não havia respostas no passado para guiar as ações do presente nas zonas contaminadas com a radiação. Irrompeu-se uma crise global do modelo de civilização baseado no progresso.

Por isso que ao analisarmos o jornalismo brasileiro – em sua multiplicidade de mídias – precisamos historicizá-lo e percebê-lo em suas singularidades e nos processos comunicativos. Em diálogo com tempo e espaço. Outra hipótese que surge com essa reflexão é a da ideia de que, ao mesmo tempo que a imprensa brasileira possa ter sentido o impacto da ruptura acerca da ideia de progresso na sociedade ocidental, compreendendo algumas consequências do capitalismo predatório, também conserva um entusiasmo a respeito do desenvolvimento industrial, que beneficia o modelo de exploração e trabalho tradicional brasileiro.

O Brasil viu, em 1984, o incêndio na Vila Socó, em Cubatão (SP), causado por vazamento de combustível de uma refinaria da Petrobras – um desastre anunciado, já que a cidade, conhecida como Vale da Morte, fora considerada pela ONU a mais poluída do mundo. Ao mesmo tempo, Cubatão era a cidade com maior PIB do Brasil – devido à concentração de indústrias químicas internacionais na região – de modo que a questão ambiental e a saúde dos moradores não fosse questionada pelo Estado. Na época, a

⁵ Consultar: MELO, 2014b.

imprensa – o Jornal do Brasil, por exemplo – cobriu o desastre em Cubatão com alarmismo (desde 1981, a imprensa publicava notícias sobre a contaminação das pessoas devido à poluição, tendo ficado famoso o caso de bebês deformados nascidos nas áreas mais pobres⁶). Mesmo após este ou outros crimes ambientais, não houve tanta força política e social engajada para questionar e transformar o modelo de desenvolvimento vigente - que, em 2015, levou ao rompimento da barragem da Samarco, em Mariana (MG), e contaminação do Rio Doce em toda a sua extensão.

Esse diálogo com a cobertura de determinados crimes ambientais também nos interessa porque representa bem essa relação de tensão entre passado, presente e futuro. Parece que, ao mesmo tempo em que a imprensa reflete novos paradigmas globais, também conserva determinada linha editorial que talvez oriente a política econômica nacional para a manutenção do modelo civilizatório predatório, que justamente contribui para dissolver o sonho de futuro e sustentar a angústia coletiva característica do nosso tempo.

Portanto, entender o jornalismo a partir de uma perspectiva que pensa os meios de comunicação na historicidade dos seus processos é fundamental. Penso que não se constitua como um problema para esta pesquisa o fato de o Jornal do Brasil não estar mais em circulação – tampouco o fato de a imprensa escrita viver o que alguns chamam de um processo de crise. Entendemos que os usos do passado nesse período no Jornal do Brasil não eram exclusivos desse periódico; mas diziam respeito a dinâmicas jornalísticas mais profundas, que se configuram na duração temporal. E que podem nos dizer muito do jornalismo contemporâneo e também da cultura da mídia, de maneira mais ampla.

REFERÊNCIAS

- ALEXIEVICH, S. **Vozes de Tchernóbil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
ARENDETT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.
BARBOSA, Marialva. **Historia da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.
BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

⁶ Em 5 de fevereiro de 1981, o JB publicava uma matéria na capa “Poluição tira 950 famílias de Cubatão”, na qual afirmava que a situação da Vila Parisi, favela da cidade que concentrava a maior taxa de mortalidade infantil do Brasil, era calamitosa, insustentável. Até o incêndio que deixaria – oficialmente – 89 mortos, nenhuma providência fora tomada para mudar a situação dos moradores da comunidade.

- FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. [1899]. In: FREUD, Sigmund. **Edição Eletrônica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.
- _____. Recordar, repetir, elaborar. In: **Obras Completas**, Vol. XII, p. 193-203, 1914. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HARTOG, F. **Regimes de historicidade – presentismo e experiências de tempo**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2013.
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, Universidade Cândido Mendes, Museu de Arte Moderna RJ, 2000.
- KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão – a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- KOSELLECK, Reinhart (2006). “Espaço de experiência e horizonte de expectativas”. In: **Futuro passado – contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, p. 311-337 [original: 1979].
- MATHEUS, L.C. “Transfiguração do tempo e do espaço: acontecimentos tecnológicos na imprensa do Rio de Janeiro”. In: **Revista Fronteiras**, vol.12, set/dez 2010.
- _____. **Comunicação, tempo, história: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2011.
- MELO, Alice Carvalho. **Na ordem do tempo: a sistematização do passado no Jornal do Brasil (1962-1974)**. Rio de Janeiro, 2014. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.
- _____. Vamos à Lua com o JB: articulações do passado na cobertura do grande acontecimento midiático do século XX. In: **Anais do XXXVII Congresso de Ciências da Comunicação 1 a 5 de setembro de 2014: Comunicação: Guerra e paz**. São Paulo: Intercom, 2014. v. 15. p. 1-15.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do departamento de História**. São Paulo: PUC-SP, 1993.
- _____. O retorno do fato. LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1976.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5., n.10., 1992, p.200-2012.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A história de seu tempo. A imprensa e a produção do sentido histórico**. Rio de Janeiro: ECO-UFRJ, 1995. Dissertação de mestrado.
- _____. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.
- SARLO, Beatriz. **Tiempo pasado: cultura de la memoria e giro subjetivo. Una discusión**. Buenos Aires: Siglo Vientiuno, 2012.
- SILVA, Sonia Maria Meneses. **A operação midiográfica: a produção de acontecimentos e conhecimentos históricos através dos meios de comunicação**. Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense, 2011.
- SODRÉ, MUNIZ. **Estratégias sensíveis**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- TAYLOR, Charles. **As fontes do Self: a construção da identidade moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.